



# INFORMATIVO

## O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.**

**ANO 2021**

**Março**

**Nº 370**

### **Vitória e Verdade**

#### **Cel Cav EM Marcos Paz do Nascimento**

**D**efenderei, neste texto, a tese de que, na guerra, a vitória é a verdade e a verdade é a vitória. Verso o texto na primeira pessoa do singular por não ter sido o mesmo alvo de nenhum debate, mas isto em nada lhe tira o caráter de obra coletiva, pois fruto de reflexão a partir do esforço de muitos.

Entendo que a guerra, enquanto objeto intelectual, subsume aspectos de teoria de ciência natural e de teoria de ciência social, atribuindo primazia epistêmica a esta última. Sobre como encontra-se a verdade, explícito entender que na teoria relativa ao social constrói-se a verdade, enquanto na teoria relativa ao natural descobre-se a verdade. Explícito, ainda, ver o mundo em que vivemos (dos mundos possíveis, o atual) como um mundo no qual a não verdade não necessariamente é a falsidade, sendo a lógica paraconsistente a segurança do raciocínio em tal realidade.

Começo a parte propositiva, então, conceituando guerra, vitória e verdade e o faço a partir de texto meu anterior que não reproduzirei de forma a não alongar a argumentação.

Guerra é “atividade coletiva de concepção simples, de execução perigosa e rica em episódios singulares (portanto complexa), sujeita a resistências intrínsecas que depreciam os resultados e nucleada em atos de força visando a submissão de outrem”.

Vitória é “submissão de outrem”, ou obtenção de uma mudança positiva, isto é, o mundo atual, agora, corresponde ao mundo almejado e que originou a ação. Vitória, assim, como algo construído, é auto-evidente.

Verdade é “estado do mundo no qual se crê, de forma fundamentada e que corresponde e é coerente com o estado do mundo nos aspectos indiferentes à crença em questão”.

Daí, substituindo estado do mundo por mundo atual, advém verdade como “mundo no qual se crê, de forma fundamentada e que corresponde e é coerente com aspectos indiferentes à crença em questão”.



Nesta conceituação fica evidenciado que verdade é entendida como algo que se aplica (refere-se a) a conhecimento, pois estado no qual se crê e que corresponde e é coerente é conhecimento.

Para que a verdade seja a vitória é preciso então que: o mundo no qual se crê, de forma fundamentada e que corresponde e é coerente com aspectos indiferentes à crença em questão seja o mundo almejado e que originou a ação. E para que a vitória seja a verdade é preciso então que: o mundo almejado e que originou a ação seja o mundo no qual se crê, de forma fundamentada e que corresponde e é coerente com aspectos indiferentes à crença em questão.

Ou seja, o mundo atual, agora, corresponde ao mundo almejado e que originou a ação, estabelecendo-se, assim, a identidade, na guerra, entre vitória e verdade.

Passo, agora, à derrota como descoberta, primeiro conceituando-a: derrota é o inverso da vitória, ou ser submetido por outrem.

Da teleologia da ação, concluo que o combate (a ação na guerra) é orientado para a vitória, por princípio. Se assim não fosse, bastaria a ação por omissão, o resultado até seria a submissão, mas o custo seria menor, ou seja, quem combate quer a vitória.

Ora, o que se constrói é o que se quer (a vitória), o que não se quer (a derrota) é construído por outrem e nos é apresentado, ou seja, nós o descobrimos.

Considerada a primazia atribuída à teoria de ciência social no estudo do fenômeno guerra, está assim definida a vitória como verdade. Cabe, entretanto, assinalar, coerentemente com a postulada paraconsistência do mundo, que a derrota (inverso da vitória) é não verdade, sem ser falsidade.

Encerro para manter-me focado no objeto (a identidade, na guerra, entre vitória e verdade), mas não sem antes assinalar a existência da falsidade construída (que o digam as ideologias, algumas de má-fé), assim como da falsidade descoberta (a inamovibilidade das estrelas, por exemplo).

Em defesa destas últimas, porém, cabe dizer que a má-fé nelas não se faz presente.



**DIA DO MAGISTÉRIO DO EXÉRCITO**  
**- 08 DE FEVEREIRO -**  
**PATRONO DO MAGISTÉRIO DO EXÉRCITO:**  
**MARECHAL ROBERTO TROMPOWSKI LEITÃO DE ALMEIDA**

NYLSON REIS BOITEUX –Coronel Reformado do Exército. Diplomado pela Escola de Comando e de Estado Maior do Exército.

**R**esumo Biográfico e profissional de TROMPOWSKI – Nascido em 08 de fevereiro de 1853, na cidade de Desterro, na antiga Província de Santa Catarina. Praça de 29 de dezembro de 1869. Alferes aluno de 10 de janeiro de 1874. 2º Ten de 10 de março de 1874. 1º Ten de 13 de junho de 1876. Capitão de 21 de fevereiro de 1880. Major de 15 de dezembro de 1888. Por merecimento. Ten Cel de 21 de março de 1891, por merecimento. Cel graduado a 23 de julho de 1894. Coronel de 8 de agosto de 1895. General de Brigada em 14 de novembro de 1910. General de Divisão graduado de 14 de novembro de 1916. Marechal em 08 de fevereiro de 1919 (reformado). Falecido a 2 de agosto de 1926, no Rio de Janeiro. Cursos: Engenheiro pelo Regulamento 1874 – em (1876). Condecorações: Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz (1890). Medalha de prata do Serviço Militar (1901). Títulos: Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas. Adido Militar junto as Legações Brasileiras na Grã-Bretanha Suíça e Itália (1905-1907). Delegado Brasileiro no Congresso de Estradas de Ferro, realizado na Inglaterra. Segundo Delegado à Conferência Internacional da Cruz Vermelha, em Genebra (Suíça). Delegado e Técnico na Conferência Internacional da Paz em Haia (1906). Magistério: Professor da 1ª Cadeira do 1º ano da Escola Militar (1876). Assistente de Analítica e Cálculos. Catedrático da 1ª Cadeira do 1º ano do Curso de Infantaria e Cavalaria (1889). Professor da Escola de Estado Maior (1905). Professor da Escola Militar (1895) Comandante Interino do Colégio Militar do Rio de Janeiro (1894) e da Escola Militar (1897).









em português pouco dominado pelos europeus, em lugar do alemão, idioma mais conhecido pelos povos da Europa Central, o preclaro autor respondeu singelamente que os fizera naquela língua por ser a de sua materna e que ele, se desejasse, os fizesse traduzir para o idioma que Goethe se imortalizara. Essas são passagens pitorescas de sua permanência de quase um ano nos adiantados países da Europa, na árdua missão que tanta capacidade exigia de seus probos integrantes. Entre as apreciações sobre a sua personalidade vale a pena citar um trecho da “Crônica da Saudade”, de Alfredo Severo, Oficial Superior do Exército, figura marcante de prestígio do Magistério Militar. .... bem me recordo da alegre surpresa que nos assaltou quando vimos surgir diante de nós a figura empolgante do então Cel Trompowski, duplo gigante na estatura e no saber, alibasse em vãos condoreiros, pelas regiões estratoféricas do Cálculo Transcedente. O Marechal Dr Joaquim Marquês da Cruz, ilustre soldado e grande jornalista fundador da “Revista do Clube Militar” em publicação inserida na “Revista dos Docentes Militares” de novembro de 1926, sob o título “In memoriam” proclamava o Marechal Trompowski um dos maiores expoentes da intelectualidade brasileira e um Professor notável pela precisão de suas aulas. Naquela mesma “Revista dos Docentes Militares”, o Major Eugênio Micoll assim se expressou no seu “Elogio do Marechal Trompowski”: ... “Sob a radiante perspectiva da nossa admiração víamos o íntegro e culto Professor elevar-se como exemplo vivo das virtudes cívicas, como um paradigma invejável, que seria um sonho a imitar e um ideal à atingir”.

**O FIM E A CONSAGRAÇÃO DO HERÓI** - Apesar de afastado do Exército após deixar o serviço ativo muito produziu até que, a 02 de agosto de 1926, com 73 anos de idade, cerrou os olhos para o sono profundo da imortalidade, porque um homem daquele gabarito ficará sempre eterno no pensamento dos brasileiros. Hoje ele é Patrono do Magistério do Exército; Patrono da Associação dos Professores Militares do País; há uma medalha com seu ilustre nome; há uma rua no Bairro da Tijuca no RJ com igual denominação; e uma das maiores Escola Primária, no Rio de Janeiro, que o tem como Patrono: Marechal Trompowski. O Governo da República pelo Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962, homologou unânime escolha que o pleito de gratidão já fizera seu notável nome como Patrono do Magistério Militar.

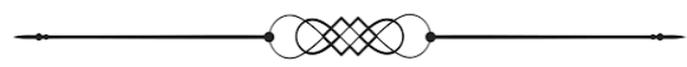
**SALVE O EXÉRCITO BRASILEIRO E O BRASIL POR TEREM GERADO UM FILHO TÃO BRILHANTE!!!**

**BIBLIOGRAFIA:**

- “Os Patronos das Forças Armadas – Dr. Olyntho Pillar, Gen de Divisão R/1 – Biblioteca do Exército–Editora – RJ – 1966.  
Arquivo e Biblioteca do Autor.

**SOBRE O AUTOR:**

•NYLSON REIS BOITEUX - CORONEL REFORMADO DO EXÉRCITO-NACIONAL BRASILEIRO - DIPLOMADO PELA ESCOLA DE COMANDO E DE ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO - MESTRE EM ARTE DA GUERRA - DOUTOR EM CONHECIMENTOS E ESTUDOS MILITARES.  
E-MAIL: mgracalb@hotmail.com  
Campo Grande, MS 08 de fevereiro de 2021.



**DAVI VERSUS GOLIAS NO FIM DO SÉCULO XIX: A BATALHA DE ADWA (1896)**  
**Willian Spengler\*\***

**A** presença europeia no “continente negro”, no início do século XIX, basicamente resumia-se a entrepostos comerciais ao longo do litoral, notadamente aqueles utilizados pelo nefasto tráfico negreiro para as Américas. Todavia, no transcurso do século XIX para o século XX, baseado principalmente na expansão da nova fase capitalista, inicia-se o processo histórico que ficou conhecido como Imperialismo. O marco principal deste processo foi justamente a “corrida para a África”, capitaneada pela Europa. Em menos de cem anos, quase todo o continente africano estaria sob domínio europeu.



Um dos motes da doutrina colonial era transmitir o modelo europeu aos “povos inferiores”, para que estes pudessem atingir o “pináculo da glória civilizacional”, tal qual a Europa. Basicamente, defendia-se a superioridade branca europeia sobre os habitantes dos “continentes bárbaros” – América, Oceania e África. Aos europeus, cabia a “nobre missão” de “civilizar os selvagens”. Era o “fardo do homem branco”, expressão cunhada pelo poeta e aristocrata britânico Rudyard Kipling, em 1899.

Da mesma forma que a Alemanha, a Itália ingressa tardiamente na corrida imperialista. Nos estertores do século XIX, o neonato reino da Itália – proclamado em 1861, conclui sua unificação entre 1866 e 1871 – e está em um patamar inferior, se comparado com outras potências europeias.

Aliás, a exemplo destas grandes potências – Inglaterra e França, notadamente – pretende conduzir uma política colonial que o coloque à frente de um verdadeiro império, mesmo não integrando o rol dos países de primeira grandeza. A herança do esplendor do antigo Império Romano, exacerbada pelo nacionalismo do século XIX, reforça igualmente a ideia da necessidade de assumir esse “destino manifesto”.

A Etiópia, rica região localizada na parte oriental da África, também chamada de Abissínia, constituiria o alvo na qual se concentrariam as ambições italianas. Desde 1869, quando adquiriu o porto de Assab através de uma negociata com um sultão local, a Itália se fazia presente na região. Em 1882, a mesmíssima baía de Assab tornar-se-ia a precursora da colônia italiana no Mar Vermelho.

A partir de 1885, os italianos se instalam em Massawa, também na costa do mar Vermelho. Aliás, a sanha imperialista italiana teve seu ápice durante o governo do primeiro-ministro Francesco Crispi (1887-1896), que via na conquista de colônias a solução para os problemas domésticos italianos: instabilidade social, excesso populacional, crise econômica e falta de unidade entre o norte e o sul da “velha bota”. Giorgio Candeloro, mencionado por Alexandre Marques (2008, p. 32), especifica que os políticos italianos consideravam que “uma política externa de prestígio e de conquista poderia distrair a opinião pública das dificuldades internas e frear o conflito social”. Não obstante, assim como nem só de pão vive o homem, nem só de prestígio vive uma pretensa potência: a mola mestra para a empreitada imperialista italiana era o interesse econômico, notadamente aqueles vinculados à siderurgia, à indústria naval e à indústria bélica.

Tal qual uma aranha confeccionando sua teia, a Itália tramava a anexação da Abissínia sob seu jugo:

“O imperador Tewodros, ou Teodoro II (1855-1868), restaurou o antigo império da Etiópia, dividido havia mais de um século. O sucessor de Tewodros, imperador Yohannes, ou João IV (1871- 1889), foi obrigado a repelir os ataques dos egípcios e dos mahdistas do Sudão. Enquanto isso, em 3 de fevereiro de 1885, os italianos tomavam Massawa, sob aprovação dos ingleses. A guerra parecia iminente. A Itália, no entanto, receando as dificuldades de uma expedição militar em um país montanhoso como a Etiópia, apelou para a mediação do Reino Unido. Durante a brava resistência do imperador Yohannes à agressão italiana e egípcia, o governador de Shoa, Menelik, embora por princípio devesse obediência ao imperador, mantinha relações cordiais com a Itália. A amizade com a Itália também permitiu a Menelik conquistar, na qualidade de rei de Shoa (1865-1889), as ricas regiões de Arussi, Harar, Kulo e Konta, a sul e a sudeste, e Gurage e Wallaga, a sudoeste. A 2 de maio de 1889, menos de dois meses após a morte de Yohannes, um tratado de paz e de amizade marcava o apogeu das boas relações entre Menelik e a Itália. Foi assinado na aldeia etíope de Wuchale (Ucciali, em italiano)”. (SILVÉRIO, 2013, p. 374)

O pacto assentia Menelik II como genuíno imperador – *negus* – da Etiópia. Por seu turno, a Itália teria seu domínio sobre a Eritreia confirmado, acrescido de prerrogativas mercantis. Entretanto, o tratado, elaborado nos dois idiomas – amárico e italiano – possuía um “vício de origem”, especialmente no teor do artigo 17. A versão em amárico rezava que a Etiópia poderia recorrer à intermediação da Itália para assuntos quem envolvessem à Europa. Já a versão em italiano, afirmava que a Etiópia deveria recorrer à Itália para assuntos atinentes ao “velho mundo”. No frígir dos ovos, o império etíope passaria a ser uma espécie de protetorado italo.

Como surgiu este roldão, não se sabe ao certo; mais expressivo é o fato de que Menelik advertiu que não aquiescia o texto em italiano. Julgado pelos europeus como pouco mais do que um “selvagem esclarecido”, o *negus* etíope era um diplomata extremamente proficiente, um homem de muitos predicados, que colocaria o darwinismo social europeu a *knock down*.

Apesar deste “enrosco idiomático”, a relação entre ambos os governos continuou saudável. O *negus* despacha, inclusive, seu primo e general *ras* (chefe local) Makonnen em uma missão diplomática, objetivando dirimir as questões referentes ao acordo. Ato contínuo, em 02 de outubro, um novo tratado é concebido, ratificando Menelik II como monarca etíope, além da concessão de um empréstimo de grande vulto aos africanos.

Entretanto, o historiador Monday Akpan relata que:

“Quase imediatamente, porém, todo o projeto de cooperação teve de ser abandonado, pois no dia 11 de outubro o ministro das Relações Exteriores da Itália declarou que, ‘conforme o artigo 34 do tratado perpétuo [...] S. M. o rei da Etiópia aceita os bons ofícios de S. M. o rei da Itália para tudo quanto diz respeito às relações da Etiópia com outras potências ou governos’” (AKPAN, 2010, p. 303).

De qualquer sorte, a mesma comoção é mencionada por Alessandro Gomes:

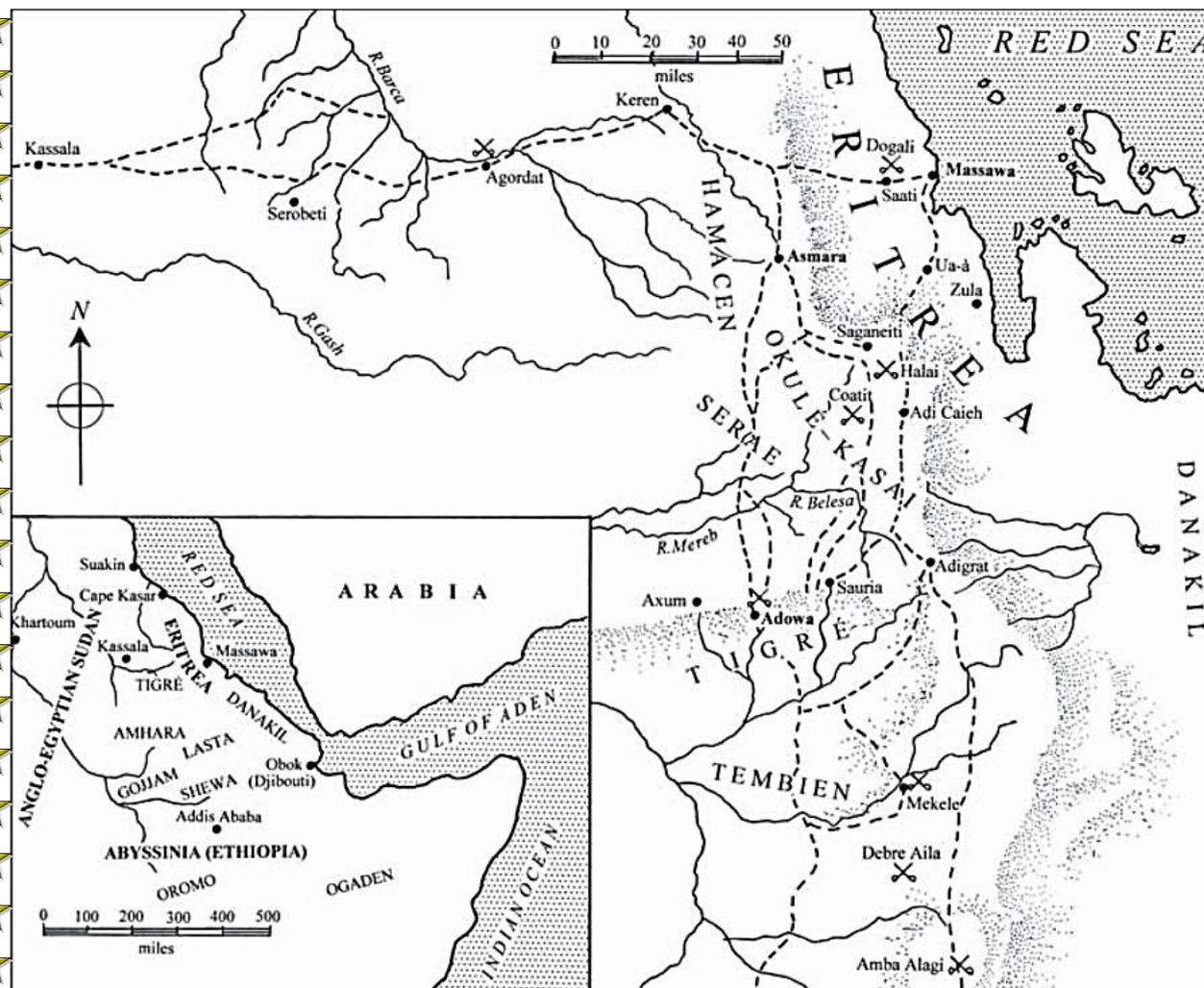
“Quando Menelik anuncia sua coroação, informam-lhe que não poderia receber o título de *Negus* e nem a Etiópia chamada de independente, haja vista que se tratava de um protetorado italiano. Claro que as outras potências europeias apoiaram a Itália, pois até mesmo os mapas passaram a nomear a Etiópia como Abissínia italiana” (GOMES, 2017, p. 217).

A esta altura, as tropas italianas já haviam ocupado vários povoados não designados no compromisso firmado, estabelecendo-se em Adwa, cidade nas proximidades da fronteira com a província italiana da Eritreia. No fim de 1893, os italianos começam a ocupar o elevado planalto etíope.

“Entre 1891 e 1894 a Grã Bretanha assinou com a Itália três protocolos que fixavam as fronteiras entre a Etiópia e as colônias inglesas do Chifre da África e do Vale do Nilo. Enquanto isso, Menelik comprava fuzis e canhões na França e na Rússia e anexava várias províncias ao sul e sudoeste, formando o atual território da Etiópia. No início de 1893, Menelik informou às potências europeias que estava denunciando o Tratado de Uccialli. Naquele momento, ele já tinha acumulado 82 mil fuzis e 26 canhões. A guerra com a Itália começou no final de 1894”. (LAMY, p. 28)

Figura 1. Mapa da região

Os tracejados indicam as linhas de comunicações italianas e as áreas sombreadas simbolizam as terras altas





Os primeiros conflitos eclodiram em dezembro de 1894. Menelik dispunha de uma força de 100 mil combatentes bem armados, enquanto as forças imperialistas possuíam um efetivo aproximado de 17 mil homens (10 mil ítalos e 7 mil nativos), sob a liderança do general Oreste Baratieri, veterano das guerras de unificação italiana, governador da Eritreia.



Subestimar o inimigo é uma das grandes lições – amargas – que os exércitos aprenderam (ou deveriam aprender) ao longo do tempo. Os italianos não levaram em consideração o seu total desconhecimento em relação ao teatro de operações, seja no aspecto geográfico, em relação ao preparo das forças adversárias, bem como às deserções dos nativos que deveriam combater ao seu lado. Giorgio Candeloro julga que desde os contatos preliminares, os italianos lograram uma perspectiva inexata quanto à tomada da Abissínia:



“Se acreditou, de fato, que a anarquia feudal, o extremo atraso econômico do país, o armamento e a organização rudimentar das forças armadas tornaram o velho império etíope um eventual adversário muito fraco, e subvalorizaram outras circunstâncias naturais e históricas, como o caráter montanhoso e impérvio do país e a grande qualidade militar dos abissínios, os quais por séculos tiveram êxito em repelir os assaltos de múltiplos invasores e em conservar sua fé cristã e sua tradicional cultura diante dos Estados islâmicos que quase os cercavam”. (CANDELORO apud MARQUES, 2008, p. 36)



Em setembro de 1895, o *negus* proclama o “ketit”, a mobilização geral, e declara guerra à Itália. Até então, mesmo sofrendo inúmeros reveses, o otimismo italiano se mantinha. Agora, diante do anúncio da mobilização geral, Francesco Crispi precisa decidir: parar as operações conservando, no entanto, as conquistas dos primeiros meses – notadamente Adwa – ou obstinar-se na penetração da Etiópia. Considerando o custo da expedição; as dificuldades causadas pela distância da metrópole; pela lentidão das comunicações; pelo escasso conhecimento do terreno; sem falar na rivalidade dos chefes militares – Vittorio Dabormida, Giuseppe Arimondi, Matteo Albertone, Giuseppe Ellena – propensos a realizar sua política pessoal; Crispi seria levado a adotar a primeira solução. Contudo, sua vontade de fazer carreira o incita a continuar a conquista. O general Baratieri recebe ordens para prosseguir a invasão.



As forças adversárias são lentas em se agrupar, o que permite aos italianos avançar por algum tempo. Mas, a partir de dezembro, as posições destes começam a ser batidas em parte. Em Amba Alagi, cercados por 30 mil etíopes, os italianos perdem 2 mil dos 2300 homens; depois, em janeiro de 1896, conhecem um novo fracasso e abandonam o posto de Maqalié.



Estas vicissitudes aplicam graves problemas aos responsáveis italianos. Baratieri procura convencer Francesco Crispi a lhe conceder os meios adicionais para poder arreesar a situação. Na Itália, o primeiro-ministro é alvo de críticas de opositores, de setores industriais e comerciais, estes últimos cétricos em relação às possibilidades de expansão econômica em terras africanas, a julgar pela performance italiana até então. Somente o pleno sucesso na Etiópia lhe permitiria salvar sua conjuntura.



Em 28 de fevereiro, enquanto os 20 mil combatentes solicitados como reforço não chegam, Baratieri opta por uma demonstração de força em Adwa, objetivando atrair as forças de Menelik a um local de combate que lhe fosse favorável.



Ao entardecer do dia 29 de fevereiro, 4 colunas de 16800 homens, dos quais dois terços de italianos e um terço de *askaris* (auxiliares eritreus e somalis), tomam a estrada de Adwa. Sem instruções precisas, essas tropas se extraviam pelo caminho; cansadas e dispersas, chegam na manhã do dia 1º de março em um terreno semeado por inúmeras colinas que lhes impedem de ter uma visão geral do campo de batalha – o desconhecimento sobre o local em que pretendiam atuar é ainda mais flagrante. A data, que é a do combate desejado por Baratieri, não é fortuita: trata-se de um dia de festa para a Igreja etíope, e o italiano pensou que grande número de guerreiros inimigos teria partido para Aksum, a fim de cumprir seus deveres religiosos.



Figura 2. Militares italianos e soldados *askari*, 1895



Fonte: McLachlan, 2011, p. 2.

Para a surpresa do general italiano, não somente os etíopes não deixaram o exército para realizarem suas profissões de fé, mas são quase 100 mil combatentes, armados até os dentes, exalando patriotismo, que esperam os italianos nesse terreno que dominam tão bem. Liderando as formações de cavalaria e artilharia, vinha o próprio Menelik. Diferente do que acreditavam, ao invés de arcos e lanças, os imperialistas se deparam com o troar de canhões e fuzis.

Protegido pelas fortificações, o plano inicial das tropas italianas era ganhar tempo e exaurir o inimigo. Contudo, o primeiro-ministro Crispi não aceita tais estratégias e determina, por intermédio de numerosos telegramas, que Baratieri lance as tropas ao ataque.

Quando Baratieri finalmente ordena a suas tropas tomar posição, após ter hesitado por um longo momento entre as indicações de seus mapas precários e as dos guias, estas se veem logo cercadas por um verdadeiro vagalhão humano. Desde os primeiros momentos da contenda, a situação pende a favor dos abissínios. Os combatentes do *negus* Menelik optam por atacar de início a ala mais fraca do dispositivo italiano, um batalhão de auxiliares. Estes, após ter oposto breve resistência à fúria etíope, fogem. Selam assim a sorte da batalha, pois em pânico, debandam em direção ao centro, rompendo completamente a formação adotada por Baratieri. A confusão se torna indescritível: os etíopes perseguem os fugitivos, atiram praticamente à queima-roupa contra os italianos. Soldados, então, abandonam fuzis e munições para tentar facilitar a fuga, pois temem terrivelmente a vingança dos etíopes que, segundo relatos, não hesitam em emascular os inimigos que caem em suas mãos.

Tseday Alehgn (2010) informa que a própria imperatriz Taytu, esposa de Menelik II, comandara uma força de infantaria na Batalha de Adwa – cerca de 5000 combatentes de infantaria, auxiliados por 600 cavaleiros e milhares de mulheres etíopes. A estratégia por ela empregada foi cortar os suprimentos de água do exército italiano, combalindo assim a vanguarda inimiga.

No fim desse impiedoso dia, as tropas italianas estão desvanecidas em torno de Adwa, uma vez que o general Baratieri não conseguiu canalizar sua retirada. Segundo as estatísticas apresentadas por Akpan (2010), por ter subestimado o adversário, a Itália perdeu 261 oficiais, 2918 suboficiais, 2 mil soldados *askari*. Os desaparecidos remontavam 954 soldados italianos, os feridos chegavam a marca de 470, acrescidos de 958 *askari*. Os etíopes capturaram 1900 prisioneiros de guerra, 11 mil fuzis e todos os







O exército imperial, ao meio dia de 19 de fevereiro, acampou na estância de Antônio Francisco Pereira, a 18 quilômetros do Passo do Rosário, ou seja a 10 quilômetros do local em que ocorreria a batalha no dia seguinte.

À semelhança de Alvear, Barbacena também convocou um Conselho de Guerra que terminou com a decisão de atacar o exército platino no dia seguinte. Essa parada permitiu que o exército platino se reorganizasse, ocupasse vantajosas posições defensivas e assim evitasse sua destruição. A parada de Alvear em Bagé salvou o exército imperial e a parada de Barbacena na estância de Antônio Francisco salvou o exército platino.

Às 2 horas da madrugada do dia 20 de fevereiro, o grosso do exército imperial começou a marcha na direção do Passo do Rosário. Às 6 horas da manhã, Barbacena foi à frente e constatou que o inimigo não só não estava se retirando, como estava se preparando para atacar o exército imperial que se aproximava e calculou os efetivos platinos em 9.000 homens.

Mesmo assim decidiu atacar, pois considerou que em caso de insucesso, sempre seria possível retirar-se para uma linha segura apoiada no rio Cacequi. Barbacena repetiria o mesmo erro de Bento Manuel Ribeiro na Batalha de Sarandi, ou seja, atacar com inferioridade de meios um inimigo bem posicionado e que lutaria até as últimas consequências, pois o rio Santa Maria impedia qualquer ideia de retirada.

Às 7 horas da manhã, apesar de ainda não estar totalmente desdobrado, o exército imperial iniciou seu ataque sobre as posições platinas. Os platinos responderam com pesado fogo de canhões e sucessivas cargas de cavalaria, que acabaram por deter o avanço brasileiro por volta do meio dia. Detido o avanço brasileiro, e com sua tropa totalmente desenvolvida no terreno, Alvear tirou partido de sua superioridade numérica e partiu para o ataque, empregando suas tropas até então mantidas em reserva, envolvendo completamente as posições brasileiras.

Às duas horas da tarde, a cavalaria platina, muito superior em efetivos, embora não conseguisse penetrar nos “quadrados” da infantaria brasileira, passou a carregar contra os flancos da posição e, convertendo-os, atacou a área de retaguarda, onde estavam os suprimentos e o grosso da artilharia, praticamente decidindo a batalha.

Barbacena avaliou corretamente a situação:

- a superioridade da cavalaria platina sobre a brasileira era avassaladora;
- a artilharia praticamente desaparecera, à exceção de duas peças comandadas pelo tenente Emilio Mallet, que já informara estar prestes a esgotar sua munição;
- o inimigo, perigosamente, já operava à sua retaguarda; e
- a infantaria, base das 1ª e 2ª Divisões resistia, mas lutava também com outro inimigo, a fumaça resultante 127 do fogo ateadado no pasto alto pelos experientes cavaleiros orientais, um conhecido recurso da “guerra gaúcha”, que diminuía a eficácia dos fuzis e pistolas.

Barbacena fez o que se espera de um comandante: decidiu. Inicialmente deu ordens para as duas Divisões retrair para suas posições iniciais.

Em seguida mandou tocar retirada.

Pela segunda vez, Barbacena salvou o Exército do Sul da sua completa destruição. ...O sinal de retirada soou do centro, repetindo-o todos os corpos... A retirada, como Barbacena previra, foi na direção do rio Cacequi.

O desaferramento da 1ª Divisão foi coberto por uma linha de atiradores e a bateria do tenente Mallet. Tão logo a Divisão tomou a estrada no rumo ao Cacequi, essa força de cobertura de incorporou à Divisão, sem ser hostilizada pelo inimigo. A ordem de retirada chegou à 2ª Divisão junto com uma carga da cavalaria platina. Dois esquadrões avançaram sobre o flanco direito da Divisão, onde o quadrado fez fogo...com tanta felicidade...que do primeiro esquadrão só ficaram montados 20 homens e o segundo se retirou em disparada. Foi a última carga da batalha.

Começou então a 2ª Divisão o seu retraimento, em ordem. Ao ultrapassar uma coxilha, a vanguarda da divisão se deparou com um destacamento de cavalaria platina que lhe barrava a progressão. A



